

GRANDEZA E MISÉRIA DO COMUNISMO DE ESTADO

Mario Tronti

O mito de uma virada imediata das relações de forças entre explorados e exploradores, entre oprimidos e opressores, aportava entretanto, como fim realizado pela primeira vez, no ato de vontade revolucionário do Outubro bolchevique



Uma advertência. Desta vez a referência não será a livros mas a eventos. Não haverá necessidade de autores porque os fatos escreveram eles mesmos a própria história. Será preciso tempo para compreender a direção dos acontecimentos mas a marca que os distingue já é compreensível desde hoje. Há uma unidade por detrás da complexidade. É aquela e não esta que deve ser compreendida. Não o que parece, mas o que é. Nunca como nessa ocasião de conjunturas históricas o *erscheinen* apareceu justamente tão distante do ser das coisas. O desmascaramento da realidade é a primeira tarefa; a longa reconstrução das passagens é a segunda; uma outra leitura — para outro fim — é a terceira.

Finis Austriae, Finis Europae, fim do comunismo. Não é esta a

seqüência histórica. Este é o clima e esta é a aura, a *Stimmung* da fase. 1989 se colocou no coração do Leste da Europa. E aqui, a experiência comunista de construção do socialismo, aquele fruto áspero, amadureceu. Colhê-lo imediatamente da árvore do conhecimento não é um pecado de orgulho intelectual, é uma necessidade, devida, do espírito.

Necessidade, certamente, mas porque “devida”? Talvez por dois motivos: só resta nos debruçarmos sobre o que aconteceu; e só podemos fazê-lo a partir do interior de nós mesmos, a partir daquilo que se é, que é sempre a mesma coisa do que nós nos tornamos. O que efetivamente sepulta o decênio, na essência do seu ano terminal — o 1989, como data símbolo — é uma reflexão sobre a condição espiritual de nosso tempo. Trata-se de nada menos do que a “posição

do homem do mundo”. A ave de Minerva alça vôo novamente entre os clarões trágicos deste ocaso do Oriente. Descrevê-lo enquanto se vê, não com impressões historicistas, mas com as tintas fortes de um realismo interior, é justamente um dever ser do pensamento, daquele pensamento que quer continuar a se dizer revolucionário. Dos fracassos das revoluções deste século: é disso, com efeito, que se deve falar. E quem pode falar disso, com a melhor cognição das causas, é aquele pensamento que as preparou e depois as organizou, e depois as geriu até quando as abandonou ou foi abandonado por elas, o que aconteceu cedo, demasiado cedo, para que o todo pudesse chegar a bom termo. O sinal,

Mário Tronti é dirigente comunista italiano. Artigo publicado em *Rinascita* 38 (04/11/90), traduzido por Giovanni Menegoz.

com efeito, de que toda a experiência girava sobre si mesma, e que impelia para dentro as dificuldades gigantescas da construção do socialismo em um único país, já estava na transição do marxismo de Lênin para o marxismo de Stálin. Sim, é preciso ter a coragem de defender que se tratava de duas formas de marxismo. Radicaliza-se com isso a relação crítica com a obra de Marx, que deve ser revista não nos seus efeitos mas nos seus fundamentos. Somente o pensamento normal é unívoco. As grandes teorias se abrem a desenvolvimentos opostos. Veja-se a esquerda e a direita hegeliana. Veja-se, com Marx, revolução e reformas antes da conquista do poder e depois — no governo ainda *purtroppo* dos homens — todo o poder aos soviets ou partido-Estado. Uma coisa é certa. Na passagem de uma à outra forma de marxismo russo, aliás grão-russo, haviam razões de fundo estruturais, econômicas e sociais, de poder e de sistema, não certamente reduzíveis kruschovianamente à personalidade de um único homem. É preciso fugir à armadilha; proibir-se de compreender por medo de se justificar.

Quem pode negar que no Outubro bolchevique houve uma louca antecipação nos ritmos da história? Tinha-se armado um longo processo de ilusão revolucionária, iniciado muito tempo atrás, que chegou próximo de nós, pouco antes de nossa época, fundado em necessidades verdadeiras, forças vivas, idéias novas, uma substância humana de exceção. Marx pareceu ver, já em junho de 48 em Paris, os sinais da revolta proletária. O símbolo “fevereiro-junho”, revolução democrático-burguesa e revolução socialista repetir-se-á como um esquema dotado de alma em outras passagens: 1905-1917 e, no 1917, entre fevereiro e novembro. Eis a questão, esta mesma simbologia, esta abreviação sintética, esta força do mito que era própria de uma forma de pensamento, é eloqüente. Passagens da história que duravam séculos e decênios se consumavam

em semanas e meses. Era esta a justa loucura, justa porque necessária, porque devida justamente pelo ponto de vista de uma parte do mundo humano. Escândalo para a outra parte do mundo.

E, com efeito: “Maldito seja junho!” Após a repressão violenta e o sangue dos pobres, a demonização da própria lembrança do evento. Porque nunca mais repetida. Marx, sobre a *Comuna*, é, em um primeiro momento, cético a respeito da tentativa; depois, uma vez iniciada, defensor entusiasta da experiência; por fim, no momento do sacrifício, cantor entristecido de seus mártires. Da mesma forma que em 48 pareceu-lhe ver os proletários em armas assim, agora, parece-lhe ver o novo Estado, aliás o fim do Estado, o não-poder em ação. Cada revolucionário é um visionário, mesmo que procure a ciência das leis do movimento da sociedade a partir da qual deve fazer jorrar a necessidade inelutável da revolução. A “escalada ao céu” somente pode tentá-la quem não se dispõe a armar uma escada. Porque esta somente pode ser uma torre de Babel.

A sabedoria reformista que vem depois é eticamente inferior a estas tentativas. Por que não dizê-lo? Sabedoria mais próxima da realidade, porém mais condicionada por ela, mais subalterna, menos livre, mais distante da parte *contra*, recolhida, apreendida, sentida com a razão mas não amada, não introduzida no coração das massas, como força simbólica, como idéia-força, motivo mobilizador de energias coletivas. No fim, a ordem da sabedoria vence, mas a desordem do mito permanece e faz história, produz mudanças de época. O modo das mudanças conquistará depois uma sua autonomia substancial por causa de condições objetivas, por lógicas internas. E isso marcará a experiência da forma definitiva. Não os fins mas os meios, na realidade, são fundamentalmente envolvidos no processo do fracasso. Os meios, os instrumentos, as formas políticas, aquele tipo de partido, aquele seu modo de se fazer Estado, mas

O mito de uma virada imediata das relações de forças entre explorados e exploradores, entre oprimidos e opressores, aportava entretanto, como fim realizado pela primeira vez, no ato de vontade revolucionária do Outubro bolchevique.

também as formas sociais, a idéia e a prática da construção e gestão do socialismo, é tudo isso que entrou em questão e não resistiu, em sua estrutura de sustentação, à verificação do longo período, à necessidade de reprodução perante o que o modelo alternativo político-capitalista, com as suas extraordinárias capacidades, ao mesmo tempo se exercitava em uma confrontação direta com o socialismo.

O mito de uma virada imediata das relações de forças entre explorados e exploradores, entre oprimidos e opressores, aportava entretanto, como fim realizado pela primeira vez, no ato de vontade revolucionária do Outubro bolchevique. A voragem da primeira guerra mundial abria uma brecha e oferecia uma ocasião histórica julgada irrepetível, imediata e por completo. É na crista da possibilidade ou não de evitar o início da grande carnificina, que irrompe a necessidade da formação dos partidos comunistas. Nunca se repetirá suficientemente que à recusa de Lênin em continuar a se chamar social-democrata segue imediatamente aquele 4 de agosto de 1914 quando a social-democracia alemã vota os créditos de guerra na direção de seu próprio país, alinhando-se assim a favor da guerra entre uma nação e outras, cancelando de uma vez só duas opções históricas do movimento operário, a paz e o internacionalismo. Os partidos comunistas nascem com este nome para fazer suas estas bandeiras e

Mas onde está o trágico na tentativa política de realização do socialismo no Leste do mundo? É que aquelas organizações, antes de mais nada de luta, não foram capazes de se reciclar como forças, principalmente de governo.

carregá-las adiante com a revolução. No meio de uma tragédia imensa como o foi a primeira guerra mundial, a forma do partido comunista assume esta marca política trágica que carregou no corpo até hoje. O trágico, no político, são exatamente aquelas formas de ação que na tensão do drama de uma época não conseguem harmonizar, entre eles, meios e fins.

A forma histórica daquele partido foi, com efeito, uma necessidade das classes oprimidas por toda a época que será chamada de guerra civil europeia, localizada entre as duas guerras mundiais e, para além delas, na continuação da paz armada que chegou até poucos dias atrás. Se não se parte desta consciência de história recém-passada, se se abandona o terreno sobre o qual caminhou até hoje uma experiência político-prática, não se pode compreender nada do presente. E não porque exista um tempo linear, não porque funcione a flecha do tempo, mas porque os desvios e as passagens, as mudanças e os saltos estão escritos e expressos em um *continuum* que não pode ser eliminado ao bel-prazer, ou melhor, através da vontade. É o historicismo que toma o presente como tribunal do passado. A consciência histórica avalia a história por aquilo que ela foi, nas condições do "futuro passado". Os partidos comunistas são organizações de luta que nascem no interior da necessidade de um choque frontal de classe, mas também político. E

sobre esta necessidade de conjugar o político, também o institucional, com o social de classe, rompem com as velhas formas do movimento operário, gradualista, reformista, minimalista. Se hoje esta fratura aparece superada, e talvez já superada ontem, não estão superadas as razões daquela fratura naquele tempo.

Mas onde está o trágico na tentativa política de realização do socialismo no Leste do mundo? É que aquelas organizações, antes de mais nada de luta, não foram capazes de se reciclar como forças, principalmente de governo. A grande transição do capitalismo moderno, nos séculos de acumulação originária do seu poder, não se repetiu. Esta passagem consistiu na transição das formas políticas para à forma-Estado e para a forma-governo. Se a primeira parte da transição política tinha atravessado o séc. XVI e o séc. XVII, a segunda vai desde o final do séc. XVII ao final do séc. XVIII ou um pouco mais adiante, poderíamos dizer, do 1688 ao *Code Civil*. O que são as "revoluções burguesas" se não esta passagem da forma-Estado para a forma-governo? O Estado liberal é aquela forma de governo — monarquia ou república constitucional — baseado no consenso e nos direitos que o Estado absoluto não podia ser. O que vem depois, isto é, a ampliação democrática do sufrágio, está inserido nesta história como resposta à irrupção das massas nesta própria história, na medida em que se passava da acumulação à estabilização do poder, isto é, a uma capacidade de gestão da sociedade pelo uso das instituições, o exercício do direito, a busca do consenso. O socialismo não conseguiu realizar esta passagem política, contraída e acelerada no tempo, para o Estado e para o governo. A aceleração no tempo — e, portanto, um déficit de sedimentação histórica — e o fato de não poder contar com o recurso de longa duração, é sem dúvida uma das causas do fracasso da experiência. Existem outras, mais conhecidas e faladas: a geografia social, a par-

te do mundo, o nível de desenvolvimento histórico no qual a experiência é tentada; o modelo econômico de relação social, impreciso, imaturo; a guerra civil mundial no seio da qual o socialismo se encontrou e se construiu; os limites subjetivos, os dogmatismos, os doutrinanismos que prolongaram através da teoria uma situação que na história não existia mais. Mas tudo isso volta a se concentrar no âmago de um problema que diz respeito à natureza do sujeito que pensou e quis realizar aquele processo de transformação pelo alto. Ou melhor, diz respeito àquele tipo de substrato social do sujeito político, àquela verdadeira e própria substância dá forma-partido que foi a classe operária. Esta resultou ser o primeiro exemplo histórico de classe social subalterna que se tornou dominante. As classes burguesas, no ordenamento pré-moderno das relações sociais e em toda a primeira fase da época moderna, nunca tinham tido este caráter de subalternidade social. E portanto na experiência das suas assim chamadas revoluções não podem de nenhuma maneira ser consideradas um precedente. De outro lado, a longa história das classes subalternas, ao longo e contra as diversas formas de domínio, apresentaram sempre, e somente, episódios desafortunados de revolta, heróicos assaltos ao céu, um momentâneo e luminoso "estar de pé", violentamente reprimidos pelo poder e pela força.

Uma outra coisa que nunca se mencionará bastante é que a forma leninista de partido foi o primeiro instrumento político de conquista de uma posição dominante por parte de uma classe oprimida. O juízo sobre aquela forma política com base no desfecho do processo histórico não é somente errado em si, o é do ponto de vista dos conteúdos. Aquele processo, com efeito, se rompe, explode, não se desenvolve, desde a conquista do Palácio de Inverno à gestão das novas relações sociais, do ato revolucionário de uma situação de exceção ao cuidado cotidiano da

gestão dos interesses, das necessidades, dos problemas freqüentemente primários e, de qualquer modo, sempre problematizados por atrasos, retardos, resistências, agressões contra-revolucionárias. Os operários no governo não conseguiram expressar capacidades de governo. A objeção, portanto, não é a tradicional — da esquerda — de um socialismo que deu o poder ao partido no lugar da classe. O partido bolchevique de Lênin era o partido operário.

Por este caminho, o juízo sobre o socialismo se torna mais grave. É na classe social, antes ainda de que no partido político, a razão de fundo de um fracasso. A sabedoria de governo se adquire por se ter atravessado um papel dirigente na sociedade, por se ter exercido ali a hegemonia de fato, por se ter construído sobre isso um saber técnico e por se ter produzido uma cultura institucional. Sem tudo isso, o operário de Petrogrado não regeu à prova do governo de Moscou. O gênio de Lênin o tinha compreendido poucos meses após o Outubro. A NEP não era somente um passo atrás consciente em direção a um capitalismo pelo menos mercantil, era também a tentativa de uso das capacidades empresariais e dos conhecimentos da empresa disponíveis no mercado e uma política cultural, sobretudo técnico-científica, como suporte para o déficit intelectual de uma classe de povo. Do seu modo, a retomada staliniana do comunismo de guerra como estratégia permanente de construção do socialismo em um só país, com a centralização das decisões e a repressão dos dissensos, com a coletivização forçada e a mobilização ideológica das massas, foi uma outra resposta ao mesmo problema. Como se sabe, estas passagens de grande iniciativa, tática a primeira, trágica a segunda, não foram soluções ao problema e o que veio depois arrastou a situação para a máscara imóvel de um poder sem rosto por demasiado tempo ao fim que o recente nível de retomada da iniciativa pudesse

conquistar um nível aceitável de sucesso.

Uma dúvida crítica se insinua neste ponto da reflexão que não deve ser mantida, visto que não leva a nada de construtivo, mas que, todavia, deve ser mencionada porque tensiona o arco da contradição até o limite de ruptura daquela corda que liga uma tradição. Talvez a classe operária não pudesse ser, de qualquer maneira, classe de governo. E portanto, talvez o limite insuperável da experiência do socialismo não resida no atraso das condições, no isolamento do projeto, na realidade da guerra, interna e externa, e menos ainda na perversidade ou mediocridade dos homens. Também aqui, reside em algo mais profundo. Entre o proletariado do jovem Marx e a classe operária do Marx maduro do *Capital* — que aliás é a mesma do jovem Lênin do *Desenvolvimento do capitalismo na Rússia* —, há uma contradição lógica e, ao mesmo tempo, uma continuidade histórica. Aquele trabalho do negativo, aquela instância destrutiva, aquele niilismo de valores que estão na origem da figura operária, reemergem não apenas tomado o poder e, antes ainda de passar a uma função de governo, impedem esta passagem e, a partir disso — deste bloqueio — não faz seu o interesse geral e não expressa princípios universais porque este é o caminho burguês clássico, irrepetível, contra ele. E com efeito, os pontos mais baixos na tentativa de construção do socialismo são os em que, de forma desajeitada, se tenta uma competição com o modelo social do qual se saiu, descendo ao seu nível.

Os pontos mais altos são os momentos em que funciona o mito de um sonho realizado, a crença da massa de que ali tenha acontecido a experiência de uma outra coisa; e não é verdade que não era realmente assim. Era assim, somente, porém, como símbolo, entre nós, da luta contra o aqui e o agora, como imaginário coletivo de uma possibilidade do depois. Poderia ser algo mais? Isto é, aquela

O 1989 não encerra simplesmente o segundo após-guerra como manda a primeira leitura que quase unanimemente se faz dele. Encerra o complexo daquela guerra civil européia que tinha dado os seus primeiros passos em 1914.

blochiana utopia concreta, como forma de sociedade política alternativa em via de realização e, portanto, como passagem de utopia à ciência do socialismo, não mais teórico, mas prático? Talvez não. Faltavam, como se diz, as condições estruturais, não somente como relações de produção e forças produtivas, mas também como material humano disponível para a superação de si na dimensão de uma aposta sobre o futuro. Em toda esta história, misturaram-se economia e política, mas as duas hoje devem, juntas, se medir com um terreno antropológico que por sua vez lhe subjaz e que mais determina do que é determinado. O fato de que este terreno foi incrivelmente ampliado, diversificado, fragmentado, em sentido horizontal, por etnias, nacionalidades, religiões, é um ponto decisivo para a compreensão dos processos, pelo menos em igual medida ao que diz respeito à forma única dos mecanismos de comando. De resto, as duas coisas relacionam-se entre si como o procedimento dialético e a sua síntese lógico-histórica.

Não por acaso, volta, reaparece, esta linguagem. A queda do socialismo soviético é verdadeiramente o fim da filosofia clássica alemã. Um fim anunciado há tempo e há tempo dado por descontado na história do pensamento, mas agora realizado praticamente na história da *Kultur*, como civilização, sociedade civil-política que traz em si sua época. Não está em jogo so-

A vitória da revolução proletária assinalou a grande crise política do capitalismo, como também o fracasso das livres leis de mercado assinalou a sua grande crise económica. Da mesma forma que as lutas operárias foram um moto de desenvolvimento da produção capitalista, a realização do socialismo foi um estímulo à mudança, à modernização do modelo social capitalista.

mente Marx e o assim chamado materialismo histórico para a sua verdadeira e única fonte, Hegel e todo o idealismo alemão e todo o historicismo idealista. Marx não tinha dito que o proletariado era o herdeiro da filosofia clássica alemã? Esta herança chegou até o interior da construção do socialismo e atravessa a sua própria crise. E não se trata somente de filosofia, mas daquela poesia que acompanhou o fracasso do elevado sonho de uma coisa que estava na história revolucionária da França e que dali se espalhou na Europa e no mundo. "Quando Karl Marx terá lido Hölderlin...", dizia Lukacs. Hoje, Marx está lendo Hölderlin, somente agora pensa novamente naquela visão de um mundo em que os deuses dialogavam com os homens na terra. E isso somente poderá se interromper no acolhimento interior de uma loucura lúcida.

Alguém se aventura mais longe e vê na grande crise do socialismo o desmoronamento da metafísica antiga, daquele raciocinar sobre essência e substância, daquela busca do ser que, apesar de tudo, chegou a ajustar contas com o nada neste século. Não se pode expulsar Deus da história, se disse recentemente. Na verdade, do mundo

foi expulso aquele *Deus sive historia* que desde Spinoza à Hegel e Marx tentou se realizar no socialismo. Não é uma vitória da fé, é uma queda das idéias que, a partir da impossibilidade de se encarnar nos processos, descobrem o seu obsoletismo na condição humana de onde deriva o êxito da modernização e da secularização, como *Machtwalt*, mundo do poder sem mais vontade de potência alternativa. A impressão que se experimenta é a de provar a consistência de uma daquelas passagens, não de fase mas de idade, como a do fim da cultura antiga na experiência interior de Agostinho, porém em uma espécie de reconversão do homem em direção a si mesmo, após o abandono das ilusões em mudar o mundo. É no Oriente, na nova questão oriental, que está se realizando o ocaso do Ocidente. No fundo, a grande tentativa de construção de um mundo novo e de homem novo visava impedir que aquele crepúsculo se realizasse. Era um doido "para, oh, Sol", heróico, voluntarista. Aquela aceleração da história provocou somente um atraso do evento. A *finis Europae*, que se iniciou com a desagregação da ordem imperial austro-húngara, se conclue com a desagregação da ordem imperial socialista-soviética. Foram necessárias duas guerras mundiais, uma guerra fria e uma paz de trinta anos: depois — isto é, agora — não haverá mais a idéia da Europa, *Kultur*, civilização européia, mas somente *civilisation*, um pastiche cosmopolita de comportamentos comuns sem mais um sentir comum. Venceu Heinrich contra Thomas Mann, o cidadão europeu contra o homem europeu. E, com efeito, a unidade política européia se fará quando não existir mais a idéia da Europa.

Voltamos então ao fechamento do círculo, no percurso histórico, verdadeiro traçado de idéias, com pontos de fuga e uma lógica interna que regem e se determinam juntas. O *Historikerstreit* precedeu, à justa distância, à queda do muro de Berlim. Portanto, na Alemanha,

ainda é verdade que o pensamento faz a história. Na verdade não é exatamente assim porque a realidade disfarçada dos fatos já estava escavando sob o terreno do debate e o condicionava muito. A um certo momento o cenário se tornou visível na amplitude de seu desenvolvimento, mais do que na consistência de seu significado. O 1989 não encerra simplesmente o segundo pós-guerra como manda a primeira leitura que quase unanimemente se faz dele. Encerra o complexo daquela guerra civil européia que tinha dado os seus primeiros passos em 1914. Data, esta, sempre mais emblemática, lugar-símbolo da única e verdadeira passagem de época deste século, o fim da paz dos cem anos. Hoje sabemos que o próprio 1917 está ali dentro. Está claro que o socialismo na Rússia foi um protagonista incomensurável, com outros atores históricos do período. E a linha tosca, traçada pelos revisionistas da história alemã, não funciona.

A nós interessa, aqui, apurar as razões de um fracasso. Começar a apurar. Porque estamos atrasados com o pensamento. E os fatos, sozinhos, não é verdade que falam. Devem ser, não interrogados, mas provocados. O pensamento arranca a verdade aos fatos, verdade relativa, bem entendidos. Não válida para todos. Vista sempre desde um ponto de vista. Portanto, um ponto verdadeiro é este: que contra a experiência do socialismo coalizou-se um complexo de potências, velho e novo capitalismo, velho e novo Estado. A vitória da revolução proletária assinalou a grande crise política do capitalismo, como também o fracasso das livres leis de mercado assinalou a sua grande crise econômica. Da mesma forma que as lutas operárias foram um motor de desenvolvimento da produção capitalista, a realização do socialismo foi um estímulo à mudança, à modernização do modelo social capitalista.

A nova relação histórica entre capitalismo e Estado se move a partir da quase-queda, antes política

depois econômica, do sistema de capital. A consequência é que — pelo menos a partir dos anos Trinta — tem-se nos dois modelos alternativos de organização social um supra-ordenamento comum do fato estatal. Com esta substancial diferença: que o velho Estado liberal dá a si mesmo um novo governo democrático, enquanto que o novo Estado socialista dá a si mesmo uma velha forma de governo autoritária. As soluções autoritárias do Ocidente — fascismo e nazismo — não fazem história por si, estão fortemente inseridas no corpo desta história. Em parte, são a outra resposta ao “grande medo” operário, em parte extraem a sua origem estrutural na vocação de mando que está nas dobrás das sociedades do conflito e da desordem. Não há dúvida que, imediatamente atrás de nós, há um protagonismo histórico do poder estatal; a história política do séc. XX será revista por esta característica. Também disso foi vítima a tentativa de construção do socialismo: deste excesso de presença e potência do Estado. Considerado o campo onde a tentativa se deu — o atraso político, político-institucional da Rússia —, não haviam muitas alternativas. Pode-se abrir mão do Estado somente em uma sociedade política avançada. Voltamos ao ponto que importa. O socialismo soviético foi uma outra guerra histórica

dos camponeses, tragicamente derrotada.

Se tivesse caído logo nos primeiros anos, reprimido na violência e no sangue pelas tropas brancas, teríamos tido como legado do Outubro bolchevique uma outra galeria de heróis míticos da classe operária. Ganharam os vermelhos contra todas as razões da história. A derrota foi somente adiada. Aconteceu no longo período. Talvez não estivesse escrita nas origens. Certamente se escreveu nos erros, erros necessários, e nos crimes, crimes não necessários. Mas entre o erro e o delito, entre a má análise política e a culpa moral, há uma fronteira tênue que, em situações de exceção, não se vê. Soberano é quem decide: nunca, talvez, este princípio foi tão verdadeiro como no estado de exceção do socialismo. Aqui, “estado” pode ser escrito com a maiúscula, não “condição” mas “forma-estado”. No partido operário que se faz Estado, está a grandeza e a miséria do socialismo. As classes oprimidas põem fim à própria história das classes subalternas. Mas o fazem recriando Poder na forma mais tradicional, separado, sobrestante, autônomo, burocrático. É o paradoxo comunista do socialismo. Assumí-lo para superá-lo, quer dizer repor em jogo a relação entre o que vem “do profundo” e o que vem “do alto”, entre tradição e forma.

Thomas Mann escreve a Károly Kerényi nos anos Trinta: “Um homem e escritor só pode fazer o que lhe queima os dedos”. Estava compondo o ciclo *José e seus irmãos* e se movendo em direção ao êxito supremo do *Doutor Fausto*. Ia descobrindo o mundo do devenir, “uma humanidade bendita do alto, do espírito, e do profundo que está em baixo de nós”. São estas últimas, as palavras pronunciadas por José ao Faraó para explicar o domínio sobre si ao profetizar e interpretar, como algo que deriva do eu, um ser único e particular através do qual forma e tradição se realizam. “Com efeito, a tradição, que é norma e modelo, vem do profundo que está em baixo de nós e é o elemento que nos une. Mas o eu vem de Deus e do espírito que é livre. Civilização humana e moralidade nascem quando a liberdade divina do céu se funde com a tradição que vem do profundo e nos une. Não há civilização humana sem uma e outra”. Que a construção do socialismo não tenha se tornado aquela “civilização humana” é uma ferida que dói. “Ah! — grita José, o nutricionista —, como gostaria que me fosse lícito dizer ao Faraó o que penso!”. “Estúpida é a espada, mas não gostaria de dizer inteligente a mansidão... Pode-se ser justos e todavia falsos...”